

PRIMEIRA FAGULHA

Literatura contemporânea escrita por mulheres de Rondônia

Erlândia Ribeiro da Silva

Ana Yanca da Costa Maciel

Adriele Santiago

Rosivan dos Santos Bispo (Orgs.)





**Editora do Clube
das Escritoras de Rondônia**

[@clubedasescritorasro](#) / [clubedasescritorasro.wordpress.com](#) / [clubedeescritorasro@gmail.com](#)

1º Edição
2020

primeira fagulha

coletânea de textos

Copyright 2020 das autoras

ORGANIZAÇÃO Erlândia Ribeiro da Silva

Ana Yanca da Costa Maciel

Adriele Santiago

Rosivan dos Santos Bispo

ARTE DA CAPA Vitória Gonçalves Morão

Poesia I. Contos II. Peça teatral III. Prosa poética IV.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Primeira fagulha : literatura contemporânea
escrita por mulheres de Rondônia [livro
eletrônico] / organização Erlândia Ribeiro da
Silva ... [et al.]. -- 1. ed. -- Buritis :
Erlândia Ribeiro da Silva, 2020.
PDF

Outros organizadores: Ana Yanca da Costa Maciel,
Adriele Santiago, Rosivan dos Santos Bispo
Várias autoras
ISBN 978-65-00-11217-7

1. Escritoras brasileiras 2. Literatura brasileira
3. Mulheres - Rondônia (RO) 4. Mulheres na literatura
5. Textos - Coletâneas I. Silva, Erlândia Ribeiro
da.
II. Maciel, Ana Yanca da Costa. III. Santiago,
Adriele. IV. Bispo, Rosivan dos Santos

20-47548

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Coletâneas : Literatura brasileira B869.8

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

sumário

apresentação, 6

Aline Monteiro, 8

Amanara Brandão, 13

Ana Yanca C. Maciel, 22

Elysmeire Pessoa, 26

Erlândia Ribeiro, 30

Geane Klein, 34

Izabela Lima, 42

Janaína Leite, 46

Jéssica Lima, 51

Luana Dias, 56

Marcela Bonfim, 60

Márcia Mura, 64

Marilsa Santos, 71

Nilza Menezes, 75

Pâmela Filipini, 79

Rosivan Bispo, 82

Tainá Veloso, 86

Wilson Guilherme, 91

Sobre o Clube das Escritoras de Rondônia, 96

apresentação

Quem são as mulheres que produzem, atualmente, literatura em Rondônia? Sobre o que escrevem? Tais questionamentos, por muito tempo, nos acompanhavam devido à falta de representatividade nos saraus literários rondoniense. Nesse sentido, o Clube das Escritoras- RO é uma idealização de Poetas que partilham a mesma verve de fazer acontecer, foram elas: Ana Yanca C. Maciel, Erlândia Ribeiro e Pâmela Filipini. Atualmente, o projeto conta com a colaboração entusiástica de Adriele Santiago e Rosivan Bispo.

E para fazer acontecer, foi necessário engajar-se com afinco para angariar um espaço que acolhesse as performances poéticas das artistas. Depois de algum tempo de luta, tivemos o espaço cedido pela Biblioteca Municipal Francisco Meirelles, em nome da Diretora Karen Rak, a quem somos gratas pelo interesse sobre a temática e o interesse em nos ouvir.

Ao longo das edições realizadas (em 2019), houve a participação não apenas de escritoras, mas também a interação de musicistas, atrizes e a colaboração de professoras e pesquisadorxs da Universidade Federal de Rondônia.

Desta vez, a figura feminina em suas múltiplas faces não fez o papel da musa muda e nua, mas fortaleceu a representatividade na cena artística local sendo protagonistas e donas de seus discursos: uma contranarrativa diante do que estava dito sobre a participação da mulher nos espaços culturais. Buscamos alcançar e promover a valorização da produção literária de autoria feminina, por isso a necessidade de encorajar e compartilhar a arte, levando em consideração o lugar de fala em que Elas estão inseridas. Ouvir as vozes das escritoras, trata-se de reconstruir uma história de re-existência, trata-se de um ato político apartidário, um espaço aberto para que Elas possam falar por si sós.

A escrita de autoria feminina não pode ser pautada exclusivamente pelo feminino e nem destinada exclusivamente para o público feminino. Elas falam para todas, todos e todes. Elas escrevem sobre temáticas que atravessam o sacro ao profano. E assim, ensejamos o futuro recheado de afeto, representatividade, re-existência, tertúlia e rútilo.

Portanto, reunimos nesta coletânea a atual produção literária e ensaística de algumas escritoras, letristas e pesquisadoras. Algumas, pois é uma lista em construção, que não se finda por aqui! Divulgadas pelo fruto de um trabalho coletivo e independente.



Aline Monteiro

Aline Monteiro é artista e professora de língua inglesa. Busca intersecções entre linguagens artísticas como poesia, performance, dança, fotografia e o que mais surgir entre o corpo e a palavra.

TEXTO SEM TÍTULO I:

só sirvo suave

vinho seco só se for branco

preta seca é indigerível

a não ser que seja ameixa murcha

aí alguém chupa e joga o caroço no lixo

mas eu, vinha seca não sirvo

que amarga!

tão jovem e tão brava

tão linda e tão chata

- posso ficar só com a casca?

TEXTO SEM TÍTULO 2:

a fumaça
do café embaça
seu sorriso
enquanto
aponto os
detalhes do
estabelecimento
o que eu
queria (mais
do que pensar
nas delícias
do instante)
era saborear
a combinação
doce da tua voz
com o amargo
do espresso quente
que faz seu
trajeto de destino
queria congelar
a energia
que surge
quando te
encontro
(tem nome?)

a voz que
vem gravada
no áudio tem
outro gosto
(sem cheiro
sem olhar)

rain cannot
wash emotions

enquanto acué
não basta pra
cortar distância
encontramos no
cosmos
nos sonhos
com axé
de orixá
somos sincrônicos.

TEXTO SEM TÍTULO 3:

o relógio

desistiu de correr

os ponteiros

ninguém mais sabe

a que horas o dia

começa ou termina

e talvez isso nem importe mais

a gente deslizou tão fundo

no buraco com a alice

que quando retornamos pra olhar

a vida ela já nem fazia sentido

a hora que

os ponteiros, juntos, marcam

é a hora de acordar do sonho

do delírio de que estava tudo bem

e a lebre branca

esperta e agitada informa

ai ai, ai ai

vou chegar atrasado demais.



Amanara Brandão

Amanara Brandão Lube (24/11/97, Porto Velho/RO). Atua na cena teatral nacional e como contadora de histórias, poeta-performer e artista-pesquisadora em Performance Art.

ENTRE LINHAS, LUZES E LUTAS

Na tecitura da pele, histórias escritas

O corpo como agulha a tecer encontros

Caleja os dedos; um pedaço de pele entre o tecido

Tecidos os aços formando as grades das prisões

Tecidas as tintas em cores que se unem na tela

Para cicatrizar uma ferida é preciso tecer a nova pele

O tecer como uma forma de oração, ritual, adoração,
profunda conexão à matéria-prima

Tecer palavras, caminhos, portais.

(As personagens estão sempre sozinhas em cena)

Cena I

(Dona Felipa costura à mão uma colcha de retalhos, especificamente o último retalho que falta para que a colcha se complete. Cantarolando “Chove chuva, chove sem parar...”. Fala o texto enquanto costura, como estivesse diante da neta).

Felipa – Ô, muito obrigada! Você também é linda! Mas porque puxou pra vó linda aqui. (risos) Todas as mulheres do mundo são lindas, e de tão lindas que somos, os homens ainda não aprenderam a lidar com a gente. Menina, imagina se os homens tivessem que parir?! Fracos que são... Minha Nossa Senhora!!! O mundo ia ser uma gritaria infinita! ... Ai, ai... Esse teu avô já me fez passar cada uma... nos primeiros anos de casados, antes de vir pra cá, ele arrumou um lugar pra gente morar no meio do

nada, naquele sertão sem fim; era uma casa grande, com umas portonas e janelonas de madeira. Ficava numa encruzilhada, com mais umas quatro casas por perto. Só! Ele com essa história de fotografar, vivia viajando, eu ficava sozinha com os meninos – eles tudo pequenos, bebês; era eu e Deus naquele fim de mundo. Acontecia cada coisa durante a noite ali. Coisa assustadora mesmo; mas com o tempo a gente vai aprendendo a lidar, chega uma hora que nem assusta mais. Ah! A gente se conheceu na época que eu morava com mamãe – a adotiva, trabalhava costurando, com ela. A gente desde que se encontrou não largou mais. Ele era forrozeiro, namorador, bicho solto. Era daqueles forrós das histórias que ele conta, que as mulheres disputavam pra dançar com ele, e que a brutalidade do lugar era tanta que tinha vezes de ter briga no meio do salão, um homem matar o outro e a festa seguir com o povo dançando desviando do corpo estirado no chão. Mas desde o começo eu deixei claro que traição, pra mim, é imperdoável. Se ele traiu, fez muito escondido porque até hoje eu não sei de nada; pois se eu souber... hum! E a sorte dele é que eu não sou igual tua bisavó – minha mãe biológica; sabe o que ela fez uma vez que descobriu que o namorado tava traindo?! Acordou na surdina, embebeu um pedaço de algodão no álcool, colocou entre os dedos do pé dele e ateou fogo (risos), só pra dar um susto, e se mandou! Mas eu não sou assim, só sumo que ele nunca mais me acha – e não me

importa quantos anos de casados a gente tenha. Viver de aparência não é comigo, minha filha. É... já comi muito sal junto desse véio. Aliás, fique sabendo que a gente só sabe o que é AMOR MESMO depois de comer 2 quilos de sal juntos. Você tá certa, minha filha; estude, trabalhe, viva sua vida independente e faça o que der na telha que não tem ninguém no teu pé; porque quando a gente junta as cuecas com as calcinhas – ou, no seu caso, as calcinhas com as calcinhas – a vida é outra coisa... Não é ruim não, só é outra coisa. E essas suas viagens?! Como são?! Uma aventura, hein?! Sabe, eu ainda quero viajar bastante também, daqui pra frente – aposentada – minha vida vai ser viajar. Já pensou eu subir aquelas montanhas dos Andes?! Pular de paraquedas, ver as cataratas do Iguaçu, ir mais vezes ver o mar.... só ver, porque com o mar eu não brinco; só molho os pés, me benzo e fico na areia apreciando aquela imensidão... imagina quanta coisa tem naquelas profundezas?! Hum! Não, eu não tenho essa ousadia. Também quero voltar lá nesse lugar que te falei – onde morei com teu avô, no começo... Ele não quer voltar lá não, mas eu quero! Só eu sei o que vivi ali...

(Dá o nó na linha, finalizando a colcha)

Cena II

(A toalha da mesa do bar é a mesma colcha de retalhos da cena anterior. Uma música de fundo, estilo brega).

Em um dos cruzamentos mais antigos da cidade: música, álcool, sorrisos e vozes estridentes. Tecendo passos de dança em frente a junkebox, num espaço limitado, em meio a outros corpos dançantes. A música guiando o remelexo dos quadris. Coisa do Norte, batida envolvente. Corpo suado, suor do dia de trabalho misturado ao suor da dança. De gole em gole, a vida anestesiada; o fardo é convidado a sentar na cadeira do bar, ao redor da mesa, e assistir o deleite merecido dos que levam tanto nas costas. A vida se apresentando nua e crua desde sempre; olhos pra ver bem, braços e pernas fortes para o que der e vier. Cabeça feita, corpo fechado, peito aberto.

(Carolina, mulher jovem porém “vivida”, cria o irmão mais novo Felipe e a filha Sofia. Está sentada ao redor da mesa do bar e enquanto bebe o copo de cerveja, como quem conversa com uma amiga).

Carolina – Lá em casa as coisas estão daquele jeito... Felipe insistindo pela via que eu tanto avisei pra não percorrer; quase não para em casa, e quando tá lá logo aparece alguém gritando o nome dele no portão. Basta isso pro garoto sumir no mundo, dizendo que vai ali com uns amigos... que amigos são esses, mana? Nunca vi nenhum. Desde que nossa mãe morreu ele mudou tanto, ficou distante, vai mal na escola, não conversa comigo, tá rebelde... É tanta preocupação. Peço a Deus que proteja

meu mano. E a Sofia?! Só cresce! Tão inteligente, carinhosa, às vezes tá dando de ser tímida; acho que é coisa da idade. Minha joia é minha filha, não me arrependo de ter escolhido gerá-la – mesmo em meio ao caos que minha vida estava naquela época, ela veio como a força e coragem que me faltava pra assumir as responsabilidades. Esse mês fez cinco anos que mamãe faleceu, tenho segurando as pontas, não tem pra onde correr nem recorrer. No meio disso ainda tentar ter uma vida afetiva e sexual ativa... ai, mana... de vez em quando aparece um boy ou uma girl interessante, eu até tenho um chama bom nesse assunto, modestamente (risos); mas sempre fica tudo tão raso, parece que ninguém mais quer desenvolver laços fortes, ainda menos quando entram em jogo essas questões problemáticas da intimidade de cada um – fora que eu não tô no padrão de mulher que alguém queira apresentar pra família, tá todo mundo tão nas suas caixinhas, intocáveis em suas bolhas, que é raridade alguém com disposição suficiente pra aprofundar... e se for pra ser superficial eu prefiro seguir só, eu e minhas responsabilidades. Me preocupa não ter tempo suficiente pra acompanhar Sofia e Felipe... Mas tô fazendo o que posso, colega. Com fé de que as coisas logo melhoram. Bora, bora dançar.

(Em um só gole esvazia o copo. O volume da música aumenta).

Cena III

(A colcha de retalhos se transforma em um tapete. Dandara, jovem negra, bailarina profissional. Está se alongando sobre o tapete de casa enquanto fala como em uma vídeochamada).

Dandara – Sim, mãe, tá tudo bem sim. Já melhorei da gripe. Foi um susto mesmo, mas já tô melhor. Os trabalhos ficaram mais puxados nas últimas semanas, com a estreia se aproximando, e o tempo mudou bruscamente – coisa comum aqui na terra da garoa, daí não tem imunidade que aguente, né?! Mas já melhorei, tô pronta pra estreia, que já é esse fim de semana. Tanta gente tem visto meu trabalho, mainha... Já tem surgido até uns outros convites pra trabalhar em mais áreas. Tá dando de pagar as contas todas e até ajudar aí em casa... a senhora sabe o quanto eu desejava isso, né?! Minha rainha! Eu também tô com saudades, mãe. Não vou conseguir ir esse ano, infelizmente. Mas logo, logo as coisas melhoram e a gente vai se ver. Também te amo, minha deusa! A bênção?! Beijo... manda abraço pra todo mundo aí em casa.

(Dandara faz uma dança-aquecimento, livre e agressiva, enquanto fala o texto, como desabafo aos ventos, a si mesma)

Dandara – Tá fodaaa!!! Tô estafada; a rotina tá puxada, mal tenho tempo de me alimentar. O cansaço é físico, mental, emocional... Tenho encontrado pessoas muito

boas por aqui, mas também muitas pessoas ruins. Parece que o corre-corre anestesia, sobrando só a apatia pra completar os dias. Ninguém merece uma vida inteira sem cor, sem afeto, sem olhares e sorrisos gratuitos; viver como se o bem fosse exceção. Aqui também tô sendo assediada diariamente – nenhuma novidade, o que tem sido o maior desafio é lidar com o racismo longe da minha família. Vozes que insistem em dizer que esse não é meu lugar, olhares de estranhamento, gestos sutis de uma agressividade tremenda. Tem dias que eu penso não aguentar mais, penso em desistir de tudo, só consigo chorar toda essa angústia que me enfiam goela à baixo. Minha essência quer falar da poesia da vida, perder-se em divagações existencialistas, pregar a esperança; porém, meus posicionamentos – a serviço do quê coloco minha voz e meu corpo, ainda são questão de sobrevivência. No fundo, desistir não é uma opção real pra mim. Estar aqui- agora é superar estatísticas, é ressignificar a minha existência e a dos meus, é ajudar a abrir os caminhos dos que virão; desistir nunca foi opção pra gente como eu. Da força e sabedoria de meus ancestrais é tecido o manto que me protege. Oxalá me guie!

(As três personagens estão em cena)

Movimento contínuo de subidas e descidas,
voltas e revoltas, em ritmo variante:
assim vai se formando a rede.

Rede tecida por tantas mãos
que seus nomes não cabem nos livros de História.
Imensa que não se sabe exatamente onde começou ou
onde vai terminar;
não, ela está além de inícios e términos: ela é
continuidade.



Ana Yanca C. Maciel

Poeta, também graduada em Letras Português e, atualmente, mestranda no Programa Pós-Graduação em Estudos Literários – PPG/MEL pela Universidade Federal de Rondônia. Sua curta trajetória na pesquisa tem como pauta a interseção entre literatura-filosofia-feminismo.

Contato: e-mail: anacmaciel3@gmail.com

Instagram: <https://www.instagram.com/ana.yanca>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9582913386364951>

A contranarrativa de autoria feminina em cena: subversão no corpo da linguagem

*De um parto fluente e espesso
Como rio caudaloso
Vem a galope a poeta que
Põe a língua em risco
Aquele que goza seu avesso
E levita no abismo*

Ana Yanca Maciel

A perspectiva do feminino foi recorrentemente retratada por homens, como se as mulheres não fizessem parte do processo de construção histórica e intelectual. Vale lembrar a máxima atribuída à Virginia Woolf, “Por muito tempo na história ‘anônimo’ era uma mulher” e vale questionar: o que faz a imagem da mulher dentro do texto ficcional? É musa, é muda, demônio ou angelical? As faces do feminino são múltiplas, ainda que haja a tentativa de padronização dos corpos ou uma “univocidade do signo”, como afirma Judith Butler (2019, p. 226). São faces que manifestam enfaticamente a diferença para uma autodefinição que compõe um mosaico.

Relembrando Georges Bataille (1989, p. 22), “a literatura é mesmo um perigo”, porque não precisa concordar com uma convenção social, pelo contrário, é força salutar para transgredir paradigmas. Quando uma mulher se põe a escrever, “ultrapassa os limites comuns” (p. 23). Cria-se uma contranarrativa que a torna sujeito de sua própria escrita em uma perspectiva crítica e feminista, abandonando o posto de poetisa, cujo lirismo romantiza a subserviência ao patriarcado e ao silenciamento de sua língua, corpo e pensamento.

Nesse sentido, a mulher contemporânea ao manifestar sua criação artística traz em seu bojo a marca da simbologia sociocultural em que está inserida, seja para contestá-la ou reafirmá-la. Demonstrando, ainda, que “um gênero não é de forma alguma uma identidade estável do qual diferentes ações acontecem, nem seu lugar de agência; mas uma identidade tenuamente constituída no tempo” (BUTLER, 2019, p. 213). Contestar a opressão sobre os corpos femininos é problematizar e desconstruir a chamada essência feminina, uma homogeneização alardeada de estereótipos que limitam o papel social ocupado pela mulher.

A contranarrativa é feita por quem esteve à margem, é para democratizar e rever os critérios de formação de um cânone literário constituído majoritariamente por homens, que relegou, por anos, o espaço do silenciamento à mulher que escreve e produz pensamento.

Há bem pouco tempo, a literatura produzida por mulheres em Rondônia era quase inexistente, porque não se falava sobre isso, não havia tantas referências devido à invisibilidade. Essa invisibilidade deu-se pela pouca divulgação e pela falta de estudos que poderiam constituir a fortuna crítica dessas obras.

Não se pode negar que tal cenário vem passando por transformações significativas e positivas, visto que as instituições que dão valor à obra literária têm revisto sua postura em relação à literatura produzida em Rondônia. A universidade, enquanto crítica especializada, demonstra interesse não apenas acompanhando essas produções literárias, como também tem tecido análises e pesquisas sobre as obras. As escolas, ainda que sejam uma minoria, têm se preocupado em aproximar os alunos à literatura produzida na região.

Para tanto, movimentar coletivos e clubes de leitura que expõem essas criações tem sido outra alternativa eficaz tanto para o enfrentamento desse paradigma, quanto para o resgate de obras que tiveram pouco destaque no momento de publicação, além de ser um convite à novas escritoras.

Torna-se necessário dar visibilidade a registros historiográficos da literatura de autoria feminina em Rondônia e expô-los de forma abrangente e de livre acesso, porque são informações que dizem respeito, especialmente, àqueles que constroem a fortuna crítica da obra e que habitam o mesmo espaço, perpetuando sua existência no tempo.

Vozes e lutas são plurais na composição de mulheres que escrevem. Levando em consideração toda essa trajetória de inibição, exclusão e marginalidade, não é possível homogeneizar os discursos e afirmar que tudo é literatura. Também não se trata de segregar a literatura em gêneros. Por isso há o risco em se falar de Literatura Feminina ou Escrita Feminina, porque pressupõe um reducionismo temático e de público-alvo; além disso, há o movimento “sou feminina e não feminista”. Nesse sentido o termo autoria em “literatura de autoria feminina” modifica essa percepção e dá respaldo à busca pela equidade e respeito ao processo histórico de inserção da mulher no espaço literário e mercado editorial.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. A literatura e o mal. Tradução de Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.



Elysmeire Pessoa

Elysmeire da Silva de Oliveira Pessôa, escritora e poeta amazônica, nasceu em Porto Velho (RO), onde desde cedo se inspirou pela natureza de seu entorno, e pela história de seus antepassados. Junto ao amor por suas raízes, está o amor pelos saberes de sabores variados, dentre eles o contido nas palavras. Por isso, em seus escritos autorais ou acadêmicos, a natureza amazônica se faz presente, tanto como inspiração, como objeto de pesquisa. Atualmente cursa o Mestrado em Estudos Literários na UNIR, onde pesquisa narrativas literárias sobre as águas amazônicas. E mesmo em meio à pandemia, segue acreditando no poder curativo e elucidativo das palavras, seguindo na crença de que embora exista a dor, a vida renasce e a coragem prevalece.

MADRUGADA

Altas horas

Instantes calmos, nostálgicos e intensos.

Música antiga ecoa lá fora

Sim, os sons da madrugada

Têm um quê de fantasia

Pensamento viajante segue o ritmo musical

Transcendendo as barreiras do tempo

Imagens vêm recordar:

Os sabores, os lugares

Os rumores, os olhares

Os odores, o pulsar....

Canta o galo

Interrompendo a emanção de memórias

Deixando para trás as verdades antigas da
madrugada

Despertando com seu canto profético,

Uma nova manhã quentinha de sol e futuro!

FELYZ, SIM!

Bem sei

Que a vida é aprendizado

Eu sinto

Que isto não é ilusão

Eu vou

Ampliar o que sou

Para sorrir

E ser, de fato, fElys.

Por saber que é assim,

Meus projetos e sonhos,

Ensejos e desejos –

Só dependem de mim!

Assim, vou seguir...

Sempre:

Grata, conectada e audaz

Crendo que sou capaz

De alcançar a melhor

Versão de mim

E então, serei assim!

Desse jeito, enfim!

Elã vital e velo,

Livre e singelo!

Luzir sincero

Eterno sim!

SÓ

Sozinha

Sem rédeas,

Sem doma

Limites ou censura

Só solidão e solidez

Gosto disso

De ficar comigo

No silêncio sagrado

Solidário momento

No qual

Repasso o dia

Rio dos tropeços

Reparo os passos

Restauro as forças

Refaço-me

Adapto-me

Mimetizo a paisagem e

sobrevivo

Camaleoa sou!



Erlândia Ribeiro

Erlândia Ribeiro nasceu em Governador Valadares, Minas Gerais, em 1995. É acadêmica e pesquisadora no Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia. Acredita na escrita como necessidade, existindo sempre uma sintonia fina entre o que se vive e o que se escreve. Publicou fanzines e o livro *Superfícies irregulares* (Kotter, 2019) e publica regularmente em seu site Tristes Trópicos.

EVA

repete a dose
infame
morre em mim
mais uma vez
eu não nasço
e nem morro
mediando o processo
encontro
traumas perdidos
orgulho ferido
e mexo
numa parte profunda
que ainda desconheço
malícia e desejo
dois significados
dois pesos involuntários
nas minhas costas
de Eva
descobrimo
o paraíso.

TRISTES TRÓPICOS

eu que me lanço em atos
quase sempre
impossíveis
levanto uma bandeira
vermelho sangue
e recordo:
estou no ano vermelho
com o coração
em pedra bruta.
entendo agora:
tudo que move para frente
alcança
mesmo que a luta
dure
toda a vida.
racho o mármore
desviando
transgredindo.

força-corpo-coragem.

a palavra salva
a escrita também,

TRUQUES COM FACAS

repito as fugas. acho que encontro um novo esconderijo. me afasto e escuto os mesmos ruídos. barulhos que causam caos. acredito no tempo-agora e sofro todas as investidas. derreto. encontro. peço. testando limites. toda inocência é quebrada. violentamente sei, violentamente vivo, violentamente morro. quando todos os baques estiverem contabilizados a hora de dormir virá. dando fim aos pertencimentos, iniciando truques com facas.



Geane Klein

Docente na UNIR/Porto Velho. Doutora em Letras pela Unesp/SP, mestre em Linguística pela UFSC/SC e graduada em Letras pela UNIJUÍ/RS. Gaúcha de nascimento, mãe de duas catarinenses, Fernanda e Anne, e de uma rondoniense, Helena, vive em Rondônia desde 2004.

(IN)FELIZ PARA SEMPRE – COMO TINHA DE SER

Sentada em um tronco de árvore deitado ao chão, chorava pela vida que não dera certo. Uma forte chuva caíra no dia do casamento – sinal de muita felicidade, diziam os convidados. Mas o suor que se misturava aos abraços e felicitações a irritava e parecia querer dizer qualquer coisa sobre o começo de um futuro que deveria ter sido bom. Era uma parte da vida que não tinha sido planejada, sequer sonhada, mas que a barriga que já crescia tornava inevitável. Estava casando para ser feliz para sempre – como tinha de ser.

A indiferença talvez doesse mais do que tudo. Chorar por horas a fio e não ser notada, não ser consolada e nem ouvir uma voz a sussurrar no ouvido, dizendo que não tinha problema, que tudo iria passar. Lembrava com saudade do primeiro beijo à beira do rio, acompanhado das luzes refletidas na água e que a fizeram, por um momento, ficar tonta. Um beijo atrapalhado, como todo primeiro beijo. O pedido de casamento viera quinze dias depois e fora recebido como brincadeira – não sabia que o futuro já estava selado.

Momentos felizes foram poucos, mas existiram. Um bilhetinho ao acaso, um telefonema para saber sobre trivialidades, um beijo roubado, o amor inesperado. Estranho como tudo se dissipa. Cacos de um vitral que tenta formar figura inteira, mas sempre se mostra

esfacelado. Tentaram a felicidade; ao menos pensavam ter tentado. Presos ao próprio egoísmo, ambos se perderam ao longo dos anos e cada vez ficava mais difícil se reencontrar.

O tronco era a própria dor: solitário, desprendido de tudo que lhe importava, não fazia mais do que estar. Assim também estava ela – sentia-se como um fantasma com corpo, solta num mundo incapaz de medir seus sentimentos. Deixava rolar lágrimas com o gosto do mar que tão pouco pudera sentir e que tanto a convidara a viver. Chorou por horas, até perder a força. Resignada, entrou e tomou banho. Lavou a dor e se perfumou, precisava continuar sendo a mulher que todos esperavam que ela fosse.

A água que descia pelo ralo do banheiro levava consigo todos os sentimentos que não lhe eram permitidos. Afinal de contas, uma mulher não precisa sentir, basta cumprir seu papel e não alterar a ordem das coisas. Novamente precisava mostrar felicidade e, depois de se vestir, saíram para encontrar amigos. Quando voltaram, como já era comum, o amor cedeu lugar à rotina. Tudo estava em aparente ordem e tranquilidade, mas enquanto o corpo gostava, a alma reclamava por algo que ela ainda não conseguia entender.

Os dias eram iguais, às vezes esquecia e pensava que era feliz. Chegava a acreditar que a vida era assim mesmo e que não era a única a sentir a angústia de ver seu castelo

desabar pela força. De toda a dor sentida, a maior era a de ter compactuado com tudo, simplesmente por não ter coragem, por sentir medo, vergonha, ou por se sentir merecedora do sofrimento.

O nó na garganta amarrava também a voz e prendia o sorriso. Aprendera a evitar, a reconsiderar, a fingir. Fingia estar feliz – e fazia isso tão bem que, às vezes, ela mesma acreditava. Conversavam pouco, tinham nada em comum. Quando o fim foi inevitável, ela se viu sem ter um CD que gostasse, uma roupa que lhe agradasse, uma boa história em comum para contar. De repente, descobriu que dormira e envelhecera mais do que a própria idade.

Tinha pouco mais de vinte anos quando cumpriu seu destino, ou ele se fez acontecer. Das festas, risos e carnavais guardava lembranças e algumas fotos – apenas aquelas incapazes de causar forte dor de cabeça. Visitava o passado às vezes, sozinha, e sentia uma ponta de dor. Amores fugazes, tinha tido alguns – experiências que a fizeram mulher pelo êxtase, alegria, dor, decepção, ilusão ou indiferença, tanto causada quanto sentida. Gostava de brincar, fora muito criança até os quatorze anos e tinha um pouco de menina em tudo o que fazia.

Mas a menina dormiu. Dormiu tão profundamente que não conseguia mais acordar. Por vezes se encontravam em sonhos ou pesadelos – ela e sua menina. Queriam, mas não sabiam como se reencontrar. Desejaram-se

intensamente e trocavam segredos em encontros fortuitos. Os recalques vinham em seguida e a compensação era encontrada no trabalho, no cuidado com os filhos, na casa e seus afazeres sem-fim. O sono aumentava. Nos pequenos encontros, a menina ensinou a mulher a dormir para fugir, esquecer, não sofrer. Ambas dormiam e o corpo desabitado cumpria a rotina imposta. Ninguém podia desconfiar, nem ela mesma sabia que já não estava presente na sua própria vida. Tudo estava como todos queriam que fosse, mas seu coração a fazia desejar algo mais – e em sua mente continuavam a passar filmes antigos repletos de nostalgias.

Lembrava das noites de sexta, geladas noites de inverno em que brindava a vida com seus amigos – e bebiam vinho e contavam histórias e faziam planos. Sonhavam ir longe, fazer diferente, ser mais do que poderiam esperar. Todos viviam a ingenuidade dos vinte anos em que tudo se mostrava mais fácil e os problemas se resolviam numa festa, numa roda de chope, num barzinho ouvindo alguém tocar canções que pareciam ter sido inspiradas na vida, amores e mágoas de cada um.

A primeira a abandonar o grupo tinha casado. Outros vieram integrar a trupe. Alguns mais foram saindo por casamento, mudança, estudo, trabalho. Ela queria para fazer a diferença: viver mais, fazer uma especialização, sair da cidade pequena em que vivera desde seu primeiro dia de vida para conquistar novos lugares, fazer novos

amigos, viver novas aventuras. Arriscou. Deixou tudo: amigos, família, emprego. Chegou à nova cidade e conseguiu poucas horas de trabalho que não davam para custear sua sobrevivência mínima. Os dias eram difíceis, mesmo morando na casa de um irmão que lhe emprestara um quarto. Apesar das dificuldades e da solidão que sentia, começou a estudar para a seleção de mestrado.

Foi pega por uma gripe arrasadora, pois o litoral apresentava um clima bem diferente do de sua cidade natal. Quando estava quase recuperada, foi convidada a participar de uma festa onde conheceu aquele a quem pensou amar. Olharam-se, tremeram, o ar faltou. O convite para um passeio veio meio tímido depois de algum tempo esperando que ela desse um sinal de interesse. Saíram e ele quis mostrar o rio que logo adiante se encontraria com o mar. Timidamente se beijaram e selaram a promessa de felicidade.

Começaram a se ver todos os dias e o tempo parecia sempre curto demais. Ela tentava estudar e misturava as lições com a lembrança dos beijos e o desejo dos abraços. Esperava por ele como se as horas fossem longos anos que não passam. Amaram-se no impulso de viver tudo ao mesmo tempo. Acreditavam não poder mais ficar distante.

Por ironia, ficar distante era o que mais faziam depois de passado algum tempo. Os minutos juntos, agora sim,

eram como infindáveis anos e a vontade de permanecer lado a lado parecia ter desaparecido. Ela assistia a um filme, ele batia papo no computador. Ela preparava aulas, ele assistia esportes. Ele dormia, ela pedia para sair. Ela dormia, ele jogava futebol com os amigos. Ele escutava música, ela lia. Ela saía para trabalhar, ele resolvia problemas de ambos. Quando por acaso se encontravam, não sabiam o que fazer. Então encontravam pessoas, para não ficarem a sós. Não queriam se encontrar e reconhecer que já tinham se perdido.

Naquele dia em que a tristeza invadira sua alma, ela, perdida em seus pensamentos, contemplava o vento que varria as folhas secas e levantava poeira. Sentia como se o vento tentasse tirá-la dali, formando pequenos redemoinhos, despenteando o cabelo, mudando coisas de lugar. Ela lembrou que o vento do litoral era diferente, tinha sabor. Diferente também era o do Rio Grande do Sul onde o minuano cortava no inverno. Deu-se conta que o vento do norte inquietava porque nunca conseguia realizar aquilo que esperavam dele. Era morno demais.

Sentiu que sua vida estava como aquele vento, morna e insossa. E isso dava um tanto de angústia. O retrato do abandonar-se a si mesma, do não ter motivos de se querer, estava pendurado na parede. Amigos, tinha perdido no tempo. E quem gostava tanto de brindar a vida, esqueceu o sabor das bebidas. Não que ele proibisse

ou ficasse contrariado, mas porque motivos ela não tinha mais. E porque assim era, permanecia fechada em seu mundo, cada vez mais distante de todos. Ensaiou novas amizades, chegou a compartilhar momentos, mas preferiu manter-se na redoma onde pensava ter segurança. Assustava o desejo de mudar, viver diferente – melhor era ignorar e seguir fazendo de conta que vivia feliz para sempre, como deveria ser.

Quis mesmo que tudo ficasse bem, juntou a areia do castelo desmanchado e tentou refazê-lo da melhor maneira que pode. Mas não se deu conta que castelos de areia se desfazem, e que mesmo que pareçam firmes, são de areia. O castelo caiu três vezes devido à forte impacto. Na quarta vez, a queda resultou de ação da própria natureza: o vento soprou tão intermitentemente que o castelo de outrora tornou-se um monte de areia ao acaso.

Assim estava tudo naquele dia em que ela se sentou sobre o tronco. O vento tinha soprado muito e tinha mudado tanto a areia de lugar que ela olhava para o que um dia fora seu castelo e não entendia o que tinha acontecido. E então começou a chorar. E toda vez que ela chorava, a menina despertava e se sobrepunha a mulher. E nesse breve momento acordada, vendo que outra vez seu castelo estava sem forma, a menina sofreu porque já tinha cansado de refazê-lo. Era mês de julho. Sentiu saudade do frio do sul, se lá estivesse ao menos poderia se enrolar em um cobertor. No calor estava sozinha. Nada a envolvia e, embora estivesse vestida, sentia-se nua.



Izabela Lima

Cantora, compositora e instrumentista manauara e beradeira de coração, iniciou sua jornada artística em Festivais de Música, recebendo o prêmio de 1º lugar com a música “Tardinha” e de melhor letra com a música “Dias sem você” integrando o CD do Projeto Valores da Terra, também recebeu o prêmio PROARTE – Canto da Floresta de Música Popular no Amazonas. Como back-vocal, seu trabalho de maior destaque foi no CD “Mensageiros de Francisco” do grupo Raízes Caboclas. Hoje é integrante dos projetos musicais 3DNós & Zazumbeats, no podcast “PPKast – um podcast feminista” atua como apresentadora e roteirista de temas dando foco às narrativas de mulheres. Na produção cultural, coordena o Festival Internacional de Compositoras – Sonora em Porto Velho, visando a valorização da produção musical de compositoras locais.

PALAVRA

Fala palavra
com alma na sala de espera
Fala da alma
enquanto escuto sua VOZ
Fala liberta
janela secreta dispara
Fala afaga
lamento, alegria e dor
Fala desperta
o olhar mundo afora
Fala ilumina
rosto de quem sente amor
Fala destrava
no peito o que não sarou.

NAS HORAS

Tem horas que me sinto NUA
de pensamentos
de histórias
de coragem

Tem horas que a noite DURA
Uns cem anos
Uma tempestade
Uma viagem

Tem horas que tudo FLUTUA
Meu chão some
Minha mente anula

Meu corpo todo RECUA
Na vida
Na despedida
Nas horas que eu perdi.

MEU BEM QUERER (composição musical)

Meu amor viaja
No ventre da vida encarna
Promessa ferida deságua

Eita amor, embala
No meio da chuva destrava
O meu bem querer

Vem no seu caminhar
Segue sem se confundir
Sei que a jornada não é de flores

Vem meu amor
No compasso miudinho
Chega perto de mansinho
Pra gente forrozear

Vem meu amor
Traz de volta a certeza
Que seus beijos com leveza
Faz meu corpo delirar.



Janaína Leite

Nasceu em Porto Velho-RO e morou até os 14 anos na cidade de Humaitá-AM, a cultura ribeirinha é parte integrante desse universo grandioso que permeia sua existência. Somente depois dos trinta se encoraja a compartilhar seus escritos. Sua formação acadêmica é na área de Letras/ Mestra em Letras (2017-2019/UNIR) com especializações em Metodologia do Ensino Superior (2007-2008) e História e Cultura Afro-Brasileira. Áreas de interesse: Estudos etnográficos referentes a Amazônia, Pós-Colonialismo, História das Mulheres, Análise de Discurso, Arte e Gênero. Sempre teve fascínio pela Poesia.

LÁGRIMAS SÃO ÁGUAS

Umedecedor de olhos

alívio líquido

(des)dor

escorrega

pelas narinas

incolor

[...]

escondo meu corpo

entro

dentro

do adentro de mim

criança

menina

sento

no macio das roupas

do guarda roupa

sem mundos externos

silêncio

abrigo secreto

As Deusas translúcidas
passam pentes suaves
em meus cabelos
até esqueço
da não LUZcidez
dum mundo destempero
bem no epicentro
dos olhos vermelhos
do Vírus
os
discos riscados da produtividade
não viram
NÃO!
VIRAM
lágrimas são águas
lavam olhos
correm pelas narinas
carregam minha menina
Ela seca
no macio das roupas
que guardam a suavidade
das mãos da divindade
que acaricia cabelos

cata

acalma

acalanta

todos os que

clamam

Pausa

minutos de silêncio

In memoriam

aos que deixaram ou não

histórias

narrativas são

[...]

EU

promessa de algo que não decolou
e nem descolou do meu espírito [...]

Os
Kahlos que
Frida
pintava
são
irmãos das
Feridas
que escrevo.



Jéssica Lima

Psicóloga que descobriu na vida o poder da escrita. Processo que começou de forma catártica e foi se transformando num sonho em ascensão. Hoje, a escrita é minha forma de conexão comigo e com o outro.

DENTRO DE MIM

Tem tanta poesia dentro de mim
Lutando para emergir

Algumas se misturam
Num caos de criação
Algumas são egoístas
Não querem ser nada
Além do que são

Tem tanto amor dentro de mim
Fluindo sem pressa

Alguns se misturam
De um vira dois
Alguns são egoístas
Não aceitam o depois

Tem tanta vida dentro de mim
Conectando-se ao todo

Algumas se misturam
Fertilizando a estrada
Algumas são egoístas
Em sua própria jornada.

AQUI ALI

Aqui dentro é o lugar que encontrei
para guardar sonhos, abraços, amores

Guardei você aqui também

Num lugar especial

Ali fora é difícil de lidar

É realidade demais

É denso demais

É tenso!

Difícil mesmo é viver nesse

eterno caos entre

Aqui

e

Ali

Aqui é bom, mas tô sentindo que tá se formando
tempestade

Ali é legal, mas cansa ser concreto incerto
cheio de necessidades.

Às vezes, quero fugir do Aqui

viver eternamente no Ali que é meu lugar

Logo, as teias da alucinação me espantam

Corro para esse Aqui tão maleável

Parece massinha de modelar

Vou criando gente pequena e grande

Crio histórias também

Porque muita gente junta precisa de história
pra não se estressar

Viver só no Aqui é difícil

é solitário

mesmo com muita gente e muita história

Aí fico pulando

Aqui

Ali

Aqui

Ali

Aquili

Aliqui

AliAquiAliAqui.

O SILÊNCIO

Eu falo e espero (exijo) uma resposta

Não sei lidar com os silêncios

Fico angustiada.

Não sou tão boa para interpretar os não ditos

Expressão das minhas tentativas de controle

Lendo sobre isso entendi que nem tudo

se realiza nas palavras

Que há afetos difíceis de se materializar

E nesses casos, é mais seguro se calar

Eu mesma já fiquei em silêncio inúmeras vezes

Até conseguir nomear e depois escrever

O silêncio é necessário

é o vazio fecundo

é o posto de parada entre o interno e o externo

É a elaboração daquilo que ainda não ousamos falar.

Acho que eu quero ficar em silêncio agora.



Luana Dias

Luana Cristina Ferreira Dias é uma jovem poeta mineira e acadêmica de Direito. É filha dos mineiros Luciano Di Carlo Botelho Dias e Luciléia Barbosa Ferreira Dias; irmã da Lavínia e do Lucas. Atualmente, reside em Porto Velho-RO. Publicou seu primeiro livro em 2016 pela Editora Chiado e, por ser amante da arte e da transformação da vida, intitulou seu primeiro livro de *Metamorvida*. Luana escreve para transbordar o que a vida sempre lhe esgota e afirma que a escrita é seu caminho para a lucidez.

DESCONHECIMENTO

apenas um vulto
(perfeita definição)
sem ilhas, virilhas
pélvis e pervertidas vozes
ou palavras sem pretensão

por dentro, fores
por fora, foras
ou fúrias
se infinitos fordes

voltas, se coragem tiveres
mas não seja uma dessas mulheres
que vestem o corpo de medo
por receio de ser o que é.

LADOS OPOSTOS

o lobo na pele do cordeiro

o cordeiro na pele do lobo

no amor

nunca se sabe o lado certo

do jogo

(...)

nem do outro!

O AMOR

Porque em mim o amor sempre esteve
em cada palavra de um poema
em cada esquina de uma rua
em cada olhar de uma alma pequena
ou imensa como a tua

Em mim sempre esteve a esperança
de que o amanhã é mais bonito

sentir é fazer lembrança
dos momentos bem vividos.



Marcela Bonfim

Fotógrafa, é formada em Ciências Econômicas (2008) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Especialista em Direitos Humanos e Segurança Pública (2011) pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), atualmente se dedica ao projeto “(Re)conhecendo a Amazônia Negra: povos, costumes e influências negras na floresta” - projeto de militância e reflexão das artes visuais, no campo da antropologia visual, sobre a constituição e memória da população negra brasileira na região amazônica.

MADONA NEGRA

Do cinza

Viu o verde brotar

Aiaiai...

Não sabia nada

Sobre o Medo e o Mar

Feito fogo afoito

Foi terra buscar

Bebeu tanta Água

Que virou Luar ...

Metade Negra;

Metade Cor

Às vezes Sereia;

Às vezes Flor

Metade Negra;

Metade Dor

Às vezes Serena

Às vezes Cor...

O TEMPO

O tempo que mata
É o tempo que morre

A dor que não passa...

Vira lixo
Vira lata

Depois morre!

Passa Amor...
Passa a Dor...
Passa tempo...

Vai passar!

E nele a gente;
A gente nele;

E nele a gente...

Contando as horas passar...

O tempo passa no infinito
Num instante!

Um pedaço de tempo
Que eu possa degustar ...

Sem medo
Porque o medo
Antes do Tempo

Era estrada
Era esteio

De quem morre

Morre-vive
Vive-morre

Contando as horas passar...

Não há medo
Que não passe
Com o tempo...

Também é o caso
Do desejo

Enfim, dei por mim...
Vai passar!



Márcia Mura

Márcia Mura (Márcia Nunes Maciel) é escritora indígena, faz parte do Coletivo Mura de Porto Velho; do Instituto Madeira Vivo, do núcleo de estudos em História oral/UsP; doutora em história social pela USP, fazedora de rodas de conversa de literatura indígena e modos de ser indígenas, puxando os fios de memória indígena.

NAZARÉ INDÍGENA

A Nazaré que falo fica às margens do Rio Madeira, território ancestral Mura. Para mim é um lugar afetivo, é um dos espaços percorridos por minha família no tempo do seringal. Minha avó me contou que meu avô veio lá do Amazonas para Rondônia, conhecer um lugar com estradas de seringa, quando lá chegou encontrou seu irmão que não o via desde quando eram adolescentes e viviam com os padres em Manicoré e que por conta de um acidente em que meu avô estava junto com um amigo brincando de arpuar (flechar), ao invés de limparem as janelas da igreja que os padres os mandaram fazer, depois do amigo arpuar se abaixou para pegar a flecha, nisso meu avô arpuou, bem na hora que o seu amigo ficou em pé e a flecha pegou em seu ombro e o levou a morte, por causa dessa tragédia, meu avô e seu irmão foram expulsos do seminário, desde então não tinham mais se visto.

Ao encontrar seu irmão no lugar Cuniã onde havia as estradas de seringa sob o domínio do seringalista conhecido como Nanan, que também controlava o seringal no Lugar Uruapeara, ou seja, era o mesmo patrão, resolveu se mudar com sua família para junto de seu irmão no Cuniã.

Assim minha avô e as outras mulheres da família acompanharam os homens numa viagem de barco, seguindo os caminhos das águas, até chegar ao Cuniã, já em Rondônia.

Cuniã é um lugar de referência Mura, ainda hoje quando se pergunta sobre os Mura aqui em Rondônia, os moradores das margens do Rio Madeira dizem que era no Cuniã que haviam Mura, mas não é só lá que havia Mura e sim em todo o Rio Madeira, apesar de toda a negação imposta por uma política de introdução do indígena na sociedade nacional.

Com esses 520 anos de colonização, os moradores das margens do Madeira do lado que ficou Rondônia nessa divisão de estado, passaram a se identificar como ribeirinhos, mas mantêm seus modos de ser indígenas interligados a natureza. Esse território ancestral Mura no Rio Madeira é demarcado pelas narrativa da cobra grande.

Como minha família, muitas outras vieram seguindo os caminhos das águas para os espaços de seringais em Rondônia, no Cuniã, na Boa Hora, em Nazaré e outras localidades às margens do Rio Madeira.

Minha família veio do Lugar Uruapeara, onde vive um grande uruaá/caramujo que é o peara/chefe/cacique dos uruás, no fundo do lago.

Seguiram os caminhos das águas e chegaram no Cuniã, que segundo narrativas que chegaram até nós uma kunhã triste por não poder viver com o apiguaua/homem que ela amava, porque não teve autorização do seu pai que era o cacique daquele lugar, se jogou nas águas e morreu, e assim, segundo contam, o lugar passou a ser chamado de Cuniã.

Depois outras famílias do Uruapeara vieram para Nazaré, que antes era Chamado Furo, por causa do igarapé que segundo alguns mais velhos contam, surgiu porque uma cobra grande ficou maceta (cresceu muito) e precisou ir para as grandes águas, assim ela saiu do lago do peixe boi e foi para o rio madeira. Os homens que precisavam facilitar o deslocamento da borracha do centro (estradas de borracha) até o barracão nas proximidades do Rio Madeira, aproveitaram o caminho deixado pela cobra grande e foram cavando, aí vieram as águas do centro da mata e formou o igarapé Furo.

Com a decadência dos seringais na década de 60 muitas famílias se deslocaram para a cidade e outras permaneceram nos espaços de antigos seringais, que antes de tudo são territórios indígenas, e no Madeira, território Mura.

Minha avó veio para a cidade de Porto Velho com minha mãe e meu tio caçula, porque meu avô morreu

afogado num dos lagos de Nazaré, após ter ido deixar uma caça para a família e quando ia para o trabalho na estrada de seringa aconteceu sua morte.

Depois eu nasci em Porto Velho, minha família paterna é de Três Casas, também lugar Mura no Rio Madeira. Aos nove meses que havia nascido houve a separação da minha mãe e meu pai. As coisas ficaram muito difíceis para minha mãe, aí minha avó voltou com minha mãe, eu e meu tio, filho mais novo da minha avó, para Nazaré.

Ficamos um tempo em Nazaré e depois minha mãe voltou para cidade, eu e minha avó ficamos mais um tempo em Nazaré, mas depois também fomos para a cidade.

Durante minha infância ia com elas visitar os parentes em Nazaré. São memórias bonitas. Com o tempo por causa dos estudos e outros desafios de viver na cidade, não voltei mais a Nazaré. Somente em 1999 voltei e me reencontrei com meus parentes.

Esse meu retorno está relacionado com as ameaças causadas pelas hidrelétricas, Assim começa meu retorno a Nazaré.

Hoje vivo em Nazaré e vivencio os modos de ser indígena junto com meus parentes. Nem todas as pessoas que são de fora conseguem ver essa Nazaré indígena, mas ela está lá vivenciada no respeito aos

protetores da mata e das águas, nas curas por meio da medicina e no alimento tradicional, na forma que nominamos as coisas: piquiá, puruí, tucumã, bacaba, patoá, cuia, tipiti, flecha, zagaia, lago do Peixe Boi, casco tradicional, pachiúba, misura, curupira, grafismos indígenas, tucunaré, jatuarana, tracajá, cipó ambé e tiririca, dentre tantas outras nomeações indígenas que fazem parte da nossa existência.

Nazaré, antigo Furo, como é chamado pelos mais velhos. Resiste a introdução dos Povos Indígenas na sociedade nacional, mesmo tendo suas memórias indígenas roubadas e impedidas de se manterem enquanto identificação, ainda assim, a vivem em toda a sua existência, como Dona Lurdes, nossa anciã, que veio a óbito por causa do covid19, mulher da Amazônia do contexto de seringal, teve as mulheres ancestrais de sua família retiradas de seus territórios e mesmo que ela tenha sido impedida de dizer “eu sou Mura” por essa política de embranquecimento, era a guardiã das nossas plantas medicinais e parteira, conhecimentos das mulheres indígenas ancestrais que ela trazia consigo, assim como tantas outras mulheres vindas dos seringais e mostrava esse “eu sou Mura” nos seus saberes.

Após a morte da mãe Lurdes, nossa anciã, guardiã das plantas medicinais, da nossa cultura, Nazaré toda

chorou e sentiu a dor de sua partida, mas ela irá permear viva em nossos corações.

Já não bastava as hidrelétricas que barram nossos rios, que todos anos nos deixam inseguros? Que destruiu nossos roçados na várzea? Que nos deixa sem saber se vai ser um cheia grande ou pequena, porque não temos mais como nos guiar pelos sinais da natureza, pois agora o tempo de cheia é medido pelo abrir e fechar das comportas das hidrelétricas.

Até quando esses projetos de mortes vão continuar nos matando? Até quando as doenças vindas de fora vão nos colocar em risco de mais uma vez passarmos por genocídios?

As cunhantãs e curumins livres de Nazaré em tempo de pandemia não correm mais livremente, não pulam n'água, não arpuam seus peixinhos, não pintam seus cabelos com urucum, não brincam mais de pião nos terreiros. Estão impedidos de ser livres por causa da pandemia.

Em tempos de inundação causadas pelas hidrelétricas, Curumins e Cunhantãs correm com seus animais e pertences para a terra firme e assim vão levando a vida...

Até quando? Não queremos sobreviver, queremos nosso bem viver que vem sendo arrancado de nós a cada dia em nome de um tal desenvolvimento que para nós é a morte!



Marilsa Santos

Historiadora, atriz, comunicadora, rapper e brincante de palavras, tem uma trajetória artística marcada pelo ativismo cultural voltado exclusivamente para a conscientização e libertação do povo preto em especial a mulher preta e periférica.

FUGA

Quem tem coragem de dizer
que amou desregradamente
fechou os olhos, pisou fundo
atropelou todos os avisos
Guardou pra depois a culpa
Depois das lágrimas secas
Quem tem coragem de dizer
sim, estava escrito na testa
Que sabia 8 jogadas a frente
mas preferiu ignorar, então
fechou os olhos e afundou
Quem confessaria que
viu as chamas infernais no
canto do brilho dos olhos
castanhos fatais, saliva
quente na ponta da língua
queimava a pele fria,
Quem tem coragem de dizer?

EU E TODAS ELAS

Tinha tão pouca idade a primeira vez que aconteceu que as vezes me pergunto se estava mesmo acordada. O pedido de socorro silenciado, pelo pavor da exposição, afinal, o que as pessoas vão dizer?

Quem ouve o que as crianças falam? possuem mentes tão férteis, quem sabe de onde tiram tantas histórias...

Silenciada, tudo o que restava era o papel e o lápis escondidos embaixo do colchão.

As noites eram sempre longas, dormir nunca foi uma opção segura e todo o corpo sabia disso tanto que o sono não aparecia, era avisado que o corpo estava em vigília.

Quem são esses adultos que negligenciam crianças deladoras de outros adultos negligentes?

São crianças negligenciadas crescidas e adoecidas...

Tem dias que pareço ainda ter a tão pouca idade de antes Então me pergunto se estou mesmo dormindo.

A TÃO GRANDE OUTRA

Ela grita pedindo que eu lhe abra a porta
machuca desfazendo meus planos
me vira e me rasga de dentro pra fora
sussurra absurdos que não acredito
vive no meu quarto, invade os sonhos
resgata lembranças de outra geração
nem abro a boca, engulo, mastigo
estou noutra parte, noutra cor de chão.

Estende suas mãos magras e velhas
que já escreveu para tantas uma sina
desejo fugir, não sei o que me espera
ela saiu do nada, ficou desde que nasci
mais velha que a terra, uma menina
feita de desaforos de essência arrogante
diz, se não a quero ela pode partir
sou outra todo dia mudança constante.

Se o cabelo se assanha ou a roupa rasga
se o corpo engorda, se de estria se risca
se tem celulite, se o amor se despede
nada disso importa, nada mesmo a para
a dor não lhe assusta, o sim ela arrisca
falou de amor próprio e nada me pede
me ensina a dizer sobre tudo o que sinto
olhar de mãe que o profundo revela.



Nilza Menezes

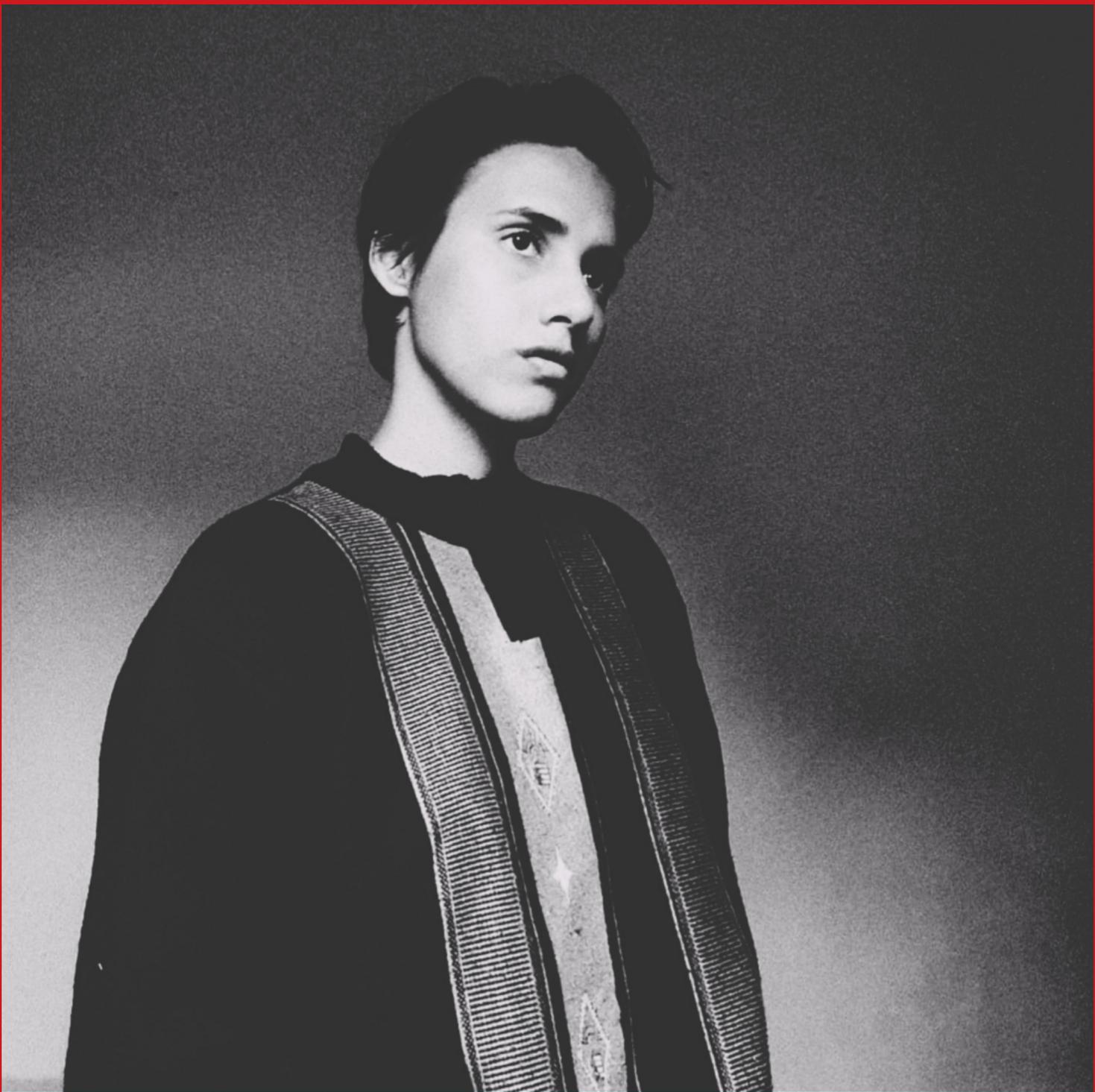
Nilza Menezes é Doutora e Mestre em Ciências da Religião pela UMESP. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Gênero e Religião Mandrágora\Netmal. Chefe do Centro de Documentação Histórica do TJRO. Autora dos livros *Poemas* (1973), *Rascunhos* (1978), *A louca que caiu da lua* (1994), *Poemas e Magia* (1995), *Princesas desencantadas ou a História das mulheres que ousaram sonhar* (1996), *50 mulheres - Coletânea* (1997), *Fruta azeda com sal* (1997), *Sina: troco ou vendo em bom estado* (1999), *Duas palavras* (2000), *Feitura* (2003) e *A arma da mulher é a língua* (2016).

a minha carne é atravessada
pelo veneno mortal
e não há nenhuma prova
desse crime fatal

mortal esse amor
viola a condição humana.
em nome do amor
há uma violência
cuja arma mortal
percorre veias
e seca o choro.

acho muito bonito
toalhas com o nome bordado.]
o nome da pessoa ali no lugar reservado.
acho muito elegante
ter o nome gravado
nos livros e objetos
como forma de ser identificado.]
acho muito pomposo
outdoors com o nome estampado
e muito romântico
declarações de amor no muro pichado
falando em público que está apaixonado.
mas, quero mesmo é saber do seu peito travado
pelo meu nome punhal atravessado.

quando criança me intrigava
o olhar de minha mãe pela janela
perdido no vazio
de todo dia
hoje eu sinto e vejo
o que nela doía.



Pâmela Filipini

P.F. Filipini (Pâmela Filipini). 1994. Apenas uma mulher que escreve livros e passa a maior parte do tempo sozinha dentro de si mesma.

Às vezes me pego querendo
ser árvore

árvores não machucam
ninguém

seus galhos são seu silêncio

[...]

quem dera ter pássaros
na minha mudez.

Deixe-me plantar uma flor
no teu quintal

para que sempre
eu tenha que perguntar:
como ela vai?

Quando na verdade
quero saber de ti.



Rosivan Bispo

Rosivan dos Santos Bispo, nasceu em Paulo Afonso – BA em 1996, mora em Porto Velho - RO desde 2014 quando ingressou em Letras/Inglês na UNIR. Atualmente é mestrando do programa de Estudos Literários (MEL) dessa mesma instituição. Escreve poesias e contos em seu blog, possui um livro de poesias publicado de forma independente.

O PROJETO

03:00 P.M, o sol se espreme entre as frestas da persiana do quarto. Os pássaros gritam uns com os outros e tudo parece acontecer em um ritmo acelerado fora daquele espaço escuro. O barulho do vento se mescla ao dos pássaros numa polifonia que parece ensaiada.

04:00 P.M, o despertador berra frases prontas de motivação e logo depois inicia um relato ininterrupto das principais notícias do dia. Quem está sendo investigado... quanto tempo até que... o assassinato do... a política...

04:35 P.M, embaixo de um viaduto. Ir e vir de pés e mãos apressadas, corpos desajeitados que se esbarram e se confrontam enquanto reviram as sacolas jogadas nas enormes lixeiras de ferro que, muito em breve, serão esvaziadas.

04:10 P.M, as persianas se abrem e o sol agora já não tão insistente, finalmente, invade o pequeno espaço, a luz transforma o ambiente obscuro em um alegre emaranhado de cores que se camuflam aleatoriamente numa composição expressionista que

logo incorpora sons de tambores e de canto de um vinil comprado há pouco. Bocejos, louça suja na pia, poeira na casa. O café ferve na panela torta, o pano rasgado se prepara para cumprir sua função diária e coa todo o líquido o tornando amarronzado. O copo cheio se dirige a mesa onde um notebook aberto já aguarda o início dos trabalhos do dia.

05:00 P.M, a polícia derruba a porta do barracão e as cabeças assustadas se escondem, o cachorro começa a latir e denuncia o local onde todos estão. Da rua é possível ouvir o choro das crianças e o grito das mães num tom absolutamente urgente, argumentos de que a ocupação é legítima e que não têm pra onde ir... Os policiais arrastam todos de dentro do velho barracão e os enxota porta a fora.

05:10 P.M, a ligação da construtora informando que o último imóvel foi comprado e que o projeto está em fase inicial. O volume da música aumenta e há dança, há alegria, há esperança no pequeno ambiente. Posts são liberados e os likes e comentários fazem o celular vibrar a cada instante. O número de seguidores aumenta, os amigos perdidos reaparecem, a família adota um tom doce, encorajador. A vídeo chamada animada para definir os últimos detalhes, reuniões marcadas, a visita agendada.

05:30 P.M, os olhos assustados, perdidos na praça, os pequenos choram de sede e fome, os adultos imploram que por favor, é que não... senhor... senhora... só uma... o meu filho... não posso. Logo, chegam em um viaduto e veem uma profusão de mãos e olhos atentos, a procura, perguntam o que houve, há animais, há crianças, as mãos rápidas e sujas se estendem, os pequenos bebem água, restos de refrigerante, as frutas são distribuídas. O sol está indo embora e o vento frio chega, a nuvem de fumaça que paira na cidade parece ficar mais densa, os automóveis avançam numa rapidez absurda.

05:45 P.M, última olhada no Sketchup, envio de e-mails, parabenizações, ligações de jornalistas. A fumaça do incenso dança nos últimos raios do dia, outro disco toca enquanto a noite vai chegando, uma voz doce repete:

om

vajra-sattva-samaya mānupālaya

vajra-sattvatvena

upatiṣṭhadṛḍho me bhava ...



Tainá Veloso

Tainá Veloso, 33, escritora, cientista social, tap dancer, ama música brega, Beatles e bandalheiras bem versadas. Possui pseudônimos e pandemônios. Edita o blog “Toda Terça Tem Tequila” <cucacola.wordpress.com> e compõe a série #PoemasÉbrios

A DANÇA

nasci num domingo
cheio de poeira e fumaça
e fui logo gritando
porque nem todo mundo nasce
nem todo mundo vive
pra quem sobrevive
é muito chororô
é muita gargalharia

tinha poeira e tinha fumaça
seja pela dança, seja pelo fumo
ritualizo a vida

desde que saí
desde que cheguei
desde que minha luz foi dada
eu danço e balanço
porque o encanto
me explica racionalmente
o incrível
e o inventado
e se inventaram
foi porque avistaram
vislumbraram

e pra quem vem do mato
se assusta às vezes
porque lá na beira do rio
tem muita visagem.

BLUES DO METRÔ SAUDADE

quantos minutos devem
ser beijados pelo ponteiro
até que caia a fichinha
de nosso orelhão
que a porta do maravilhoso
e analógico passado
de correrias e lucros
e guerras fratricidas
cheias de petróleos
nas correias
fechou-se sem despedidas,
meu caro Zimmerman?
quanto está marcando no
teu cássio com calculadora
digital e plástico?

novos leitos de barro
pros povos da terra
pros serviços essenciais

sem desfibriladores
e nem tubos e conexões

very humble, my dear.
que tempos duros para
cientistas sociais
que férteis tempos
para teorias sociais,
velho Dickens.

hay que poner huevos,
canta a hinchada.
hay que tener corazón,
ressoa minha guitarra.

MY FAVORITE THINGS

Gosto do morango e flocos batidos num milkshakespeare cremoso; desejo uma vez mais desfrutar o filé à parmegiana do restaurante Oásis numa noite quente e abafada de Guajará-Mirim; e se possível, comer outra vez o cachorro-quente com poucos, porém essenciais, ingredientes prensados entre duas bandas grandes de pães na praça da matriz de Ibiporã; coca-cola com gelo e limão em toda ocasião, mister; coberta pela marquise de uma varanda enquanto sopra a brisa, trago e assopro meu cigarro e vejo os desenhos da fumaça no ar; pegar o carro com uma trilha sonora especialmente feita para o passeio e guiá-lo, sem disputa, pelas ruas dorminhocas; deitar-me ao chão de olhos fechados e vestida com meus fones de ouvido ouvindo John a cantar “all you’ve got to do”; as ruas de Buenos Aires de dia e de noite, os becos de Veneza fora do circuito; o Rio de Janeiro de Norte a Sul; o beijo no festival, de surpresa e coberto de estrelas. Sobretudo, amo andar de bicicleta.



Wilson Guilherme

Ator Popular, Dançarino, Poeta Marginal,
Criador de Conteúdo Digital, Graduando em
Direito e Pesquisador de Gênero, Raça e
Sexualidade.

PRETOS ESTÃO SE AMANDO

Pretos e pretas foram ensinadas a se odiaram,
A querer e desejar o branco,
A odiar o não branco,
A puxar, esticar e espichar o crespo,
Deixando ele bem chapado,
Alisado,
Várias Vezes queimados...
Mas vou te mandar a nova *brother*,
Pretas e pretos estão se amando e se armando
E a revolução criando...

A revolução é negra, preta, crespa e cacheada...

POESIA É...

Poesia é vida,

Que transforma,

Modifica,

Vivifica,

Excita,

Jorra,

Goza,

Sangra,

Poesia é dança,

É canto,

É medo,

É desejo,

É lamento,

É Contentamento,

É o grito mais silencioso que emerge do fundo do poço,

Da poça,

Da foça,

Da fonte que enche todo um lago de dor, amor e gozo.

Poesia pra mim é algo que sangra e faz cicatrizar.

DIVAS

Divas não nasceram para ser segundo papel,
Ou coadjuvante na vida de ninguém,
muito menos em sua própria vida,
Nasceram para serem estrelas, papel principal,
donas do seu destino,
Divas são mulheres de fibra,
Mulheres que lutam pelo seu espaço,
Que somente pelo fato de serem mulheres já
incomodam,
Quando a Diver é preta então?

MEU AMORRR...

Causa confusão,
Por que mulher não pode ter papel principal,
muito menos mulher preta,
Então querem que Divas pretas se diminuam,
Se encaixotem até caber em pequenas malinhas
de mão, mas como eu já lhe disse senhores,
Divas não nasceram pra ser “small”,
Diver preta então neném, são “big big big very”,
Então não tente encaixotá-las,
Valorize sua BIG DIVA PRETA,
E tenha certeza, de que essas mulheres,
DIVAS PRETAS,
São “big women stars”
E não irão caber no seu egozinhooo frágil de
homem.

Sobre o Clube das Escritoras de Rondônia

O Clube das Escritoras de Rondônia é uma iniciativa sem fins lucrativos, independente e coletiva, que nasceu em 2019 com o objetivo de mapear e dar visibilidade as autoras de Rondônia e suas obras, focalizando o lugar de fala dessas mulheres e funcionando como uma rede de apoio e partilha das narrativas que foram e vem sendo tecidas.

ISBN nº 978-65-00-11217-7

[2020]

Clube das Escritoras de Rondônia

Blog: clubedasescritorasro.wordpress.com

Instagram: @clubedasescritorasro

E-mail: clubedeescritorasro@gmail.com

Esta obra foi produzida pelo Clube das Escritoras de Rondônia, entre agosto e outubro de 2020. O e-book foi composto em fonte Cormoran Garamond Medium e Anton.

